

O IRAQUE ENQUANTO ESTADO FALIDO É UM FATOR DE PERTURBAÇÃO E INSTABILIDADE DO SISTEMA INTERNACIONAL

*IRAQ AS A FAILED STATE CAUSES DISTURBANCES AND
INSTABILITY IN THE INTERNATIONAL SYSTEM*

Ane Cristina Figueiredo Pereira de Faria¹

Jéssica Gárcia²

André Ricardo Cruz Machado³

RESUMO

Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, o cenário global vislumbrou uma nova perspectiva quanto a importância da segurança internacional e, somado ao tema dos Estados Falidos, ganhou notoriedade na política e na academia. No transcorrer deste artigo, é enfatizado as raízes dos denominados Estados Falidos e todo o enredo envolvendo o fenômeno da globalização e do terrorismo, ficando evidente que esta problemática alcançou uma proporção muito maior no século XXI, auferindo lugar de destaque na agenda internacional. Esta pesquisa analisa que, o Iraque enquanto Estado Falido é um fator de perturbação e instabilidade do Sistema Internacional. O material utilizado na pesquisa foi coletado de autores renomados internacionalmente, utilizando-se vasto referencial em inglês, dos quais pode-se citar Barry Buzan, Samuel Huntington, Fukuyama e Alessandro Visacro, bem como artigos científicos. Ainda, utiliza-se o *Fragile States Index* para evidenciar a situação do Iraque como Estado Falido e

1 Mestranda em Estudos Políticos na Universidade de Manitoba – Canadá. Formada em Relações Internacionais pela Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL – Brasil. Pesquisadora do GREENS - Grupo de Pesquisa em Eficiência Energética e Sustentabilidade.

2 Graduada em Relações Internacionais pela Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL – Brasil.

3 Graduada em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI – Brasil.

a invasão americana no País em 2003, como um dos fatores que levaram a nação a um aprofundamento nesta condição. Por fim, é explorada a fragilidade do Estado Iraquiano frente ao Estado Islâmico e as implicações desta condição para o sistema internacional.

PALAVRAS-CHAVE: *Terrorismo. Segurança Internacional. Estado Falido. Iraque. Estado Islâmico.*

ABSTRACT

After the terrorist attacks on September 11, 2001, the global scenario envisioned a new perspective on the importance of international security and, combined with the theme of failed states, gained notoriety in politics and academia. In the course of this article, the roots of so-called failed states and the entire plot involving the phenomenon of globalization and terrorism are emphasized, showing that this issue has achieved a higher proportion in the twenty-first century, and earned a prominent place on the international agenda. This research analyzes that Iraq, as a failed state, causes disturbances and instability in the international system. The material used in this research was collected from scientific articles and internationally renowned authors such as Barry Buzan, Samuel Huntington, Francis Fukuyama, and Alessandro Visacro. The Fragile States Index is used to highlight Iraq's situation and the US invasion in 2003, as one cause that contributed to the nation's failure. Finally, the weakness of the Iraqi state is exposed through the creation of the Islamic State and its implications for the international system.

KEYWORDS: *Terrorism. International Security. Failed State. Iraq. Islamic State.*

1 INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais se dão através das interações entre Estados e vivem em constante mutação. Isto ocorre devido à mudança de caráter nas relações, que terminam gerando momentos conturbados no sistema internacional (KISSINGER, 1999). Essas mudanças possuem alguns fatores, tais como as políticas econômicas, visto que tais variáveis se transformam conforme há alteração de dados ou parâmetros no sistema econômico (SAMUELSON, 1983), e pelas visões políticas, que se modificam à medida que os Estados visam alterar suas estratégias.

De acordo com o Relatório do Secretariado Geral das Nações Unidas intitulado *A more secure world: our shared responsibility*, os Estados Falidos são a sexta ameaça com as quais o mundo precisa lidar (UNITED NATIONS, 2004). As demais ameaças seriam: (1) guerras interestatais; (2) pobreza e doenças infecciosas assim como degradação ambiental; (3) armas nucleares, químicas, radiológicas e biológicas; (4) terrorismo; e (5) crime transnacional organizado.

Em 2002, o presidente americano George W. Bush havia afirmado que os Estados Falidos seriam uma ameaça tão sensível quanto a de Estados fortes com ambições expansionistas (ROJAS, 2010). Seguindo a mesma linha, ao assumir a presidência, Barack Obama também considerou os Estados Falidos e a ameaça terrorista como os maiores desafios em termos de segurança nacional, demonstrando que não importa o partido, as crises e as falhas nos Estados estarão no centro da formulação da política externa americana (SANÍN, 2010).

Muitos são os fatores que levam um Estado a tornar-se frágil e, por fim, chegar a ser considerado “fracassado”. A violência interna é vista por Rotberg (2004, p. 1) como um agravante para o fenômeno, assim como quando o Estado deixa de prover bens públicos aos seus habitantes, o que culmina na perda de sua credibilidade junto a seus cidadãos e o porquê de existir. Assim como os Estados Falidos são ameaças reais a segurança internacional, o terrorismo também o é, uma vez que este pode ser visto como consequência do primeiro, pois se desenvolve inversamente proporcional à segurança interna de países considerados “falidos”.

No caso do Iraque, faz-se necessário a compreensão do contexto histórico iraquiano e a sua inserção no cenário internacional, o que torna interessante o papel deste país no estudo da segurança internacional na última década. Essa inserção está conectada principalmente com o crescimento do terrorismo e às ameaças que isto pode representar a outros Estados. O fenômeno é visto por Howard (2010, p. 81) “como uma clássica ilustração da intrincada relação entre refugiados, Estado Falido e o crescimento do terrorismo enquanto o país encontra-se envolto em crise.”

A partir do exposto, um novo conceito de ameaças para a segurança mundial veio à tona: a temática dos “Estados Falidos”. De acordo com Rotberg (2002, p. 127), “a segurança deixou de ser ameaçada por nações poderosas, passando a ser colocada em risco pela falta de poder em determinados países”. Com isso em vista, as diferenças culturais e a resistência ao fenômeno global, faz com que as nações se posicionem de modo defensivo para evitar a vulnerabilidade frente as culturas mais dominante, no caso o Ocidente. Kupchan (2012) conota que a globalização está produzindo um grande distanciamento entre o que o eleitorado está exigindo de seus governantes e o que eles podem de fato fazerem.

A insatisfação por não alcançar o “conceito ideal” de padrão de vida, forma grupos revoltados com seus governos e suas políticas internas, isto é, uma crise de representatividade, ou ainda, quando tais conceitos vão de encontro com suas crenças, costumes e ideologias, o que ocorre com frequência, é que esses grupos vão além de suas fronteiras e ganham proporção no cenário internacional, ocasionando terror e insegurança no sistema.

A hipótese do presente artigo, é que o Iraque, enquanto Estado Falido, é um fator de perturbação e instabilidade do sistema internacional. Para a confirmação ou não da hipótese, fez-se uso do Método Materialista Dialético. Este Método tem seu foco na abordagem dos fenômenos da natureza e sua interpretação. Seu foco é materialista, ou seja, ele busca desmitificar que os acontecimentos são apenas fatos casuais, desligados e isolados uns dos outros e sem nenhuma relação de dependência entre si, mas sim que, os fatos estão vinculados uns aos outros.

Além disto, o Método Materialista Dialético não considera a natureza como algo quieto e imóvel, parado e imutável, mas sim, como um sujeito em constante movimento e mudança, e que os fenômenos da natureza levam sempre implícitas, contradições internas, pois, todos eles têm seu lado positivo e o seu lado negativo, seu passado e seu futuro, seu lado de desenvolvimento e seu lado de caducidade. Igualmente, esse trabalho para confirmar ou não a hipótese, foi estruturado em sete partes essenciais, sendo trabalhado em cada ponto, quesitos bibliográficos, qualitativos e documentais. A divisão é realizada da seguinte maneira: a primeira é a introdução, onde através de bibliografias, foi apresentado sobre o sistema internacional como um todo, as influências dos Estados, e a definição de Estado. No segundo ponto é questionado sobre a segurança internacional, sendo comentado sobre o 11 de Setembro, e os grupos terroristas. O terceiro ponto é sobre os Estados Falidos, seu nascimento, sua origem, suas problemáticas e fragilidades.

O quarto ponto, por sua vez, aborda o Iraque enquanto Estado Falido, apresentando argumentos sobre o motivo pelo qual o mesmo pode ser tratado como um. No quinto ponto, é explanado sobre as intervenções Norte Americana no Oriente Médio, apontado motivos, resultados, e consequências quando houve a retirada das tropas. O penúltimo ponto, é pincelado o levante do ISIS – Estado Islâmico – e suas problemáticas para o cenário internacional. E por fim, é apresentado as referências.

2 SEGURANÇA DO SISTEMA INTERNACIONAL

O 11 de setembro de 2001 trouxe uma nova dimensão para o contexto de segurança internacional, ampliou a agenda internacional e deu destaque para o fator do terrorismo. O terrorismo age por intermédio do medo, e gerar medo num público específico pode ser o objetivo para garantir uma resposta política específica. Rogers (2008) explana que há dois tipos de terrorismo: terrorismo estatal e terrorismo sub-estatal. Ele elucida que o terrorismo estatal atualmente é mais difundido em suas implicações, tanto em termos de baixas diretas, quanto na provocação do medo. Ainda nos dias atuais, os “Estados têm se utilizado de táticas terroristas contra sua própria população, como tortura, detenção sem julgamento, execução sumária, desaparecimentos e esquadrões da morte” (ROGERS, 2008, p. 174). Sendo assim, o terrorismo nasce em busca de mudanças essenciais na sociedade ou Estado, com base em ideologias políticas e revolucionárias, muitas vezes com viés religioso (ROGERS, 2008).

O fato é que para se manter a segurança, não se pode apenas pensar no ato do terrorismo em si, mas sim considerar suas raízes, levando-se em consideração que grupos rebeldes atuam pela falta ou incapacidade dos Estados em manter a autoridade, a força e a ordem (ROTBERG, 2003a). Isto é visto nos países considerados fracassados ou em vias de tornar-se. Segundo Woodward (2004), todas as ameaças concretas para a segurança internacional são consequência da fragilidade estatal e, portanto, a ameaça primária são os Estados frágeis e em falência. Frente ao exposto, o ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan (THE FUND FOR PEACE, 2005), advertiu que “ignorar os Estados fracassados criaproblemas que às vezes voltam para nos incomodar”, referindo-se as ações dos grupos terroristas.

3 ESTADOS FALIDOS

O surgimento dos Estados Falidos, pode-se considerar ter emergido dos eventos ligados aos efeitos do fim da Guerra Fria, onde uma grande alteração no sistema internacional ocorreu devido ao término do mundo bipolarizado. Para Fukuyama (2004, p. 93), “desde o período da queda do muro de Berlin em 1989 ao 11 de setembro de 2001, a maioria das crises internacionais eram provenientes de Estados Falidos ou frágeis.” De acordo com Mazarr (2014), já se passou mais de uma década desde que

a narrativa dominante da segurança nacional tem sido os Estados frágeis e falidos, na qual os EUA teriam o papel de auxiliar a transição desses Estados para a democracia através de intervenções militares em uma escala neo-imperial, contudo, não houve grandes avanços.

Para muitos estudiosos da temática, os Estados Falidos ou frágeis, são a principal ameaça para a estabilidade da segurança global, pois estes servem de base para a proliferação de caos e insegurança no Sistema Internacional. Fukuyama (2004) exemplifica o perigo em sua obra “State Building”, expondo o caso do Afeganistão, onde o estado estava tão frágil que foi sequestrado por um ator não estatal, referindo-se ao grupo terrorista da al-Qaeda. Segundo McConnell et al (2012) atores não estatais podem, inclusive, imitar modelos práticos e materializar práticas de soberania e diplomacia.

Quando um Estado fracassa, muitas são as implicações no cenário global. Wendt (2014, p. 239), aborda que os “Estados são atores importantes na regulação da violência organizada, que é um dos problemas básicos da política internacional”. Quando este falha, coloca em alerta os demais *players*. Contudo, Logan e Preble (2006) argumentam que se o Haiti se tornar um Estado Falido, os riscos para a segurança internacional são bem menores do que o caso da Indonésia, que tem uma população de 240 milhões, ou do Paquistão, que possui armas nucleares. Contudo, a problemática dos Estados frágeis, fracassados, falidos ou colapsados, alcançou uma proporção maior no século XXI, ganhando lugar de destaque na agenda internacional.

3.1 Conceituando estados falidos

Segundo Rotberg (2003b), os Estados existem para provisionar seus cidadãos com bens políticos públicos, tendo a segurança humana como número um, seguida pelos direitos políticos, civis e sociais e depois outros desejos que englobam educação, saúde, comércio, infraestrutura e distribuição de renda. Rotberg (2003b), ainda acrescenta que o termo colapsado ou falido, é designado à consequência da decadência de um Estado-nação. Isto é, quando um Estado torna-se incapaz de exercer sua atividade plena em toda a extensão de seu território e garantir os serviços básicos à população, perde sua identidade e/ou autoridade e muitas das vezes, são tidos como ilegítimos pela sociedade, deixando Ele deixa de exercer sentido para a sua ação social, uma vez que está atrofiado, ocasionando tensões, que podem culminar em conflitos.

Para os diferentes autores, estão os distintos conceitos de como exercer bem as funções e obrigações de um Estado. Sendo assim, muitas são as qualificações que podem ser utilizadas. O Estado pode ser considerado forte, fraco, frágil, fracassado, falido ou colapsado (ZARTMAN, 1995; BUZAN; LITTLE, 2000). O colapso de um Estado é entendido pelos autores supracitados (BUZAN; LITTLE, 2000), quando as funções básicas, essencialmente de responsabilidade governamental, não são plenamente exercidas, gerando instabilidade, medo e conflito entre seus cidadãos (ROTBERG, 2004).

Rotberg (2004, p. 4) afirma que “um Estado é considerado forte quando este controla bem seus territórios e oferece a seus cidadãos amplo espectro e uma alta qualidade nas benesses políticas.” Quando o índice de desenvolvimento é alto, a distribuição de renda é igualitária, a política internacional é transparente e o nível de segurança política e criminal são altos, impulsionando a economia desta nação ao crescimento. Pode se observar estes indicativos em países como Finlândia e Nova Zelândia (THE FUND FOR PEACE, 2014).

Já os Estados fracos, “são aqueles que estão em crise e tipicamente apresentam tensões étnicas, religiosa, linguística, entre outras” (ROTBERG, 2004, p. 4). Contudo, ainda não tornaram-se violentíssimos, mas a falta de infraestrutura física é notória. Pode-se ainda expor que a má distribuição de renda e o alto índice de corrupção são fortemente presentes nestes lugares, como é apontado pelo autor. Ele exemplifica com países como a Líbia e Coreia do Norte. Nesses Estados a atuação do governo é eficaz em alguns setores e deteriorante em outros, não conseguindo um equilíbrio na gestão interna da nação.

Ao que refere-se aos Estados Falidos, Rotberg (2004, p. 5) apresenta esses como tensos, profundamente conflituosos e perigosos. “Esses Estados são tipificados pela deterioração ou destruição de suas infraestruturas. Em muitos desses Estados, as tropas governamentais travam confrontos com grupos revoltosos armados liderados por um ou mais rivais.” Todavia, não é a intensidade da violência que caracteriza um Estado como falido, mas o caráter duradouro de tal desordem, que podem culminar em Guerras Civis. Não há Estado Falido sem desarmonia entre comunidades. Muitas nações recentemente legitimadas, são fracas devido em grande parte, a heterogeneidade de crenças e culturas colocadas lado a lado sem um fator histórico preponderante que una tais povos

(ROTBERG, 2004). O estudioso enfatiza a opressão que é gerada pela maioria sobre a minoria e que o uso da brutalidade é o maior ingrediente que impulsiona o país em direção ao fracasso, características notórias em países como o Iraque e Afeganistão.

Por último, Rotberg (2004, p. 9) explana o Estado colapsado como sendo “uma versão rara e extrema de Estado Falido. Os serviços que eram supostos serem proporcionados pelo governo, podem ser obtidos apenas através do setor privado.” Exibe um vácuo de autoridade onde a segurança é alcançada pela lei do mais forte. Ele transforma-se em uma mera expressão geográfica, um “buraco negro” onde as políticas públicas sucumbem (FUKUYAMA, 2004), citando a Somália e a República Democrática do Congo para ilustrar a precariedade vivenciada por esses países. Sendo assim, uma intervenção militar não seria a resposta, e sim auxiliar esses Estados para o fortalecimento de suas instituições e prepará-los para os novos desafios globais (GOMES et al, 2014).

É iminente que quando um governo não funciona bem e suas leis não são respeitadas, as consequências são conflituosas. Isto não apenas cria desconforto para a nação fragilizada, como dissemina o mal estar em outros Estados suscitando causa e consequência no ambiente internacional.

3.2 Causas e consequências no sistema internacional

O número de países que estão na lista do “*Failed States Index*” (relatório dos Estados Falidos) como colapsados, falidos, frágeis ou fracos têm crescido de modo alarmante desde sua criação. Não que este crescimento seja algo novo, mas porque ganhou mais destaque nas duas últimas décadas, em especial no século XXI. Rotberg (2004) ilustra a causa como sendo uma consequência do aumento do número de Estados legitimados no século passado, visto que em 1914 eram apenas 55 países reconhecidos e em 2002 esse número quase quadruplicou, passando a 192. Isto porque, muitas colônias ganharam ou conquistaram independência de suas metrópoles. Contudo, esses novos Estados não estavam preparados para enfrentar um cenário econômico oscilante e uma política internacional complexa. Outra causa relevante seria a forte imposição do nível de controle na sociedade, forçando normas e culminando em um autoritarismo (DI JOHN, 2008).

Quando um Estado torna-se enfraquecido, sua vulnerabilidade perante o cenário global torna-se visível, assim como os efeitos desta situação. Buzan (1991) ilustra a ideia de um Estado forte através do modelo de um triângulo, onde cada lado representa uma característica fundamental para o seu bom funcionamento. A base deste triângulo seria a expressão institucional, e o seu topo seria a base física e a ideia comum de Estado. Caso uma dessas partes não estiver presente ou atuando bem, o modelo não se manterá e seus impactos serão sentidos como resultantes de um Estado fraco (ROTBERG, 2003a).

Woodward (2004), aborda a importância de se ter um Estado forte, pois de maneira geral, os Estados são indispensáveis para que se alcance segurança. Ele continua explicando que hoje os Estados frágeis e falidos enfrentam conflitos que resultam da redução de tamanho dos mesmos que vem ocorrendo ao longo dos últimos 25 anos e também pela crescente exigência do Estado em lidar com as ameaças à segurança internacional. Tais tensões e ameaças abordadas por Woodward (2004) e Umaña (2012) podem ser vistas no Iraque, enquanto ainda ocorrem conflitos armados que são reflexos da disputa pelo poder por parte de dissidentes.

Além desses Estados causarem grandes desafios para o cenário internacional, eles ainda representam desafios legais, como Brooks (2005, p. 1162), expõe que quando ocorre falha na funcionalidade dos seus governantes, isto impossibilita-os de firmarem ou perseverarem em tratados; Impede-os de participarem do comércio internacional e outros afins; ainda, “eles não podem cumprir os contratos entre os seus cidadãos e estrangeiros ou proteger os interesses de propriedade estabelecidos”.

As razões para a fragilidade dos Estados são complexas, porém não imprevisíveis (THE FUND FOR PEACE, 2014). Portanto, é de suma importância a criação de relatórios com o intuito de monitorar as condições que podem contribuir para o fracasso de um Estado. Sem dados confiáveis, é impossível identificar problemas que podem estar crescendo discretamente fora do alcance dos órgãos internacionais. Na publicação mais recente do *Failed States Index* (Relatório dos Estados Falidos), o relatório é apresentado “como uma ferramenta crítica no destaque não somente das pressões que os Estados experimentam, mas também como indicador quando estas pressões estão levando o Estado a beira da falência.” (THE FUND FOR PEACE, 2014, p. 9).

4 CARACTERIZANDO O IRAQUE COMO ESTADO FALIDO

Após uma década de conflitos internos e internacionais, o Estado Iraquiano continua em uma posição econômica, política, social e democrática crítica, como pode ser constatado na análise dos dados coletados há dez anos pelo *The Fund for Peace* (2014). O País possui fortes características de “fraqueza” e até mesmo “falência”. Em um artigo publicado pela revista *Foreign Affairs*, Parker (2012) expõem que, após 9 anos da queda do regime de Saddam Hussein e alguns meses da retirada das tropas norte-americanas, a nação não consegue se erguer e a lei existe como uma arma a ser usada contra os rivais e seus aliados, rapidamente desvanecendo o sonho de um Iraque democrático.

Como abordado por Rotberg (2004, p. 5), Estados Falidos “são tipificados pela deterioração ou destruição de suas infraestruturas. Em muitos desses Estados, as tropas governamentais travam confrontos com grupos revoltosos armados liderados por um ou mais rivais”. Estas características podem ser encontradas facilmente no Iraque como aponta Parker (2012), que descreve que o Estado Iraquiano não consegue prover o povo mesmo com serviços básicos. Outro forte fator ponderado é o problema do desemprego entre os homens jovens que gira em torno de 30 por cento, o que resulta em alvos fáceis para recrutamento por parte de gangues criminosas e facções militantes. As divergências na esfera política e a violência que se encontram nos centros urbanos geram um ciclo vicioso de desestabilização. Portanto os conflitos armados, as intervenções militares e assanções econômicas podem ser classificadas como um desastre causado pelo homem, que incapacitou o Iraque, tanto socialmente, quanto economicamente (AL-DAHASH et al, 2014).

Ainda, de acordo com Parker (2012), o Iraque hoje é dividido entre três partidos: os religiosos xiitas, outrora perseguidos, como o Partido Dawa de Maliki; os partidos seculares sunitas, que há muito esperam por uma versão menos sangrenta do Partido Baath, de Saddam, com a sua ideologia nacionalista, intolerância religiosa e política étnica; e os Curdos, que manobram cuidadosamente em torno das divisões em Bagdá.

Rotberg (2003b) acrescenta que para um Estado fracassar é necessário a associação de determinados fatores tais como: violência entre Estados,

ascensão de atores não estatais, o aumento do uso de armas com poder letal utilizadas em combate, o comércio ilegal de armas de pequeno porte e o comércio recíproco em extração ilegal e exportação de minerais, madeira, narcóticos, mulheres e crianças, com o intuito de pagar pelas armas e munições desejadas. As características de um Estado Falido perduram no Iraque e as dificuldades para se alcançar a ordem e a paz na nação parecem estar longe de se tornar realidade.

4.1 O Iraque na perspectiva do Failed States Index

O relatório dos Estados Falidos, há dez anos coleta informações para alimentar a base de dados dos 12 indicadores que sugerem o desenvolvimento, ou não, de uma nação. Durante este processo, o Iraque tem sido acompanhado pelo *The Fund for Peace* e o relatório elaborado ao longo desse período, testificado os lucros e fracassos do País. Com base nesses dados, será analisado o comportamento iraquiano durante esta jornada, pois segundo Lawrence (2014, p. 17), quando se identifica e se explora a fragilidade dos estados, é possível encontrar formas que possibilitem lidar e combater possíveis tensões futuras, visto que “saber que tipo de pressão os estados têm sido capazes (ou não) de reduzir no ano anterior cria uma visão sobre as capacidades que existem (ou não) dentro de cada estado e seus governos.”

Logo na primeira edição do relatório em 2005, o Iraque aparece na lista dos dez piores países colocados, fato que ocorre um ano após a invasão estadunidense na nação. No quadro 4, exibido na sequência, o País ocupa a quarta posição, com 103.2 pontos dos 120.0 que se pode alcançar, ficando atrás apenas dos países Sudão, República Democrática do Congo e Côte d'Ivoire, que aparece em primeiro lugar na listagem (THE FUND FOR PEACE, 2005).

No relatório de 2010 (THE FUND FOR PEACE, 2010), a organização *The Fund for Peace*, fez uma análise na performance dos países por região. Quais seriam os melhores ou piores colocados? No mapa, pode-se observar a performance do Iraque, que aparece na primeira posição, como pior colocado na sua região.

Mapa 1 – Performance dos países por região: Oriente Médio e África do Norte

*The best performer*

144.	Oman	48.7
------	------	------

The worst performers

7.	Iraq	107.3
----	------	-------

15.	Yemen	100.0
-----	-------	-------

32.	Iran	92.2
-----	------	------

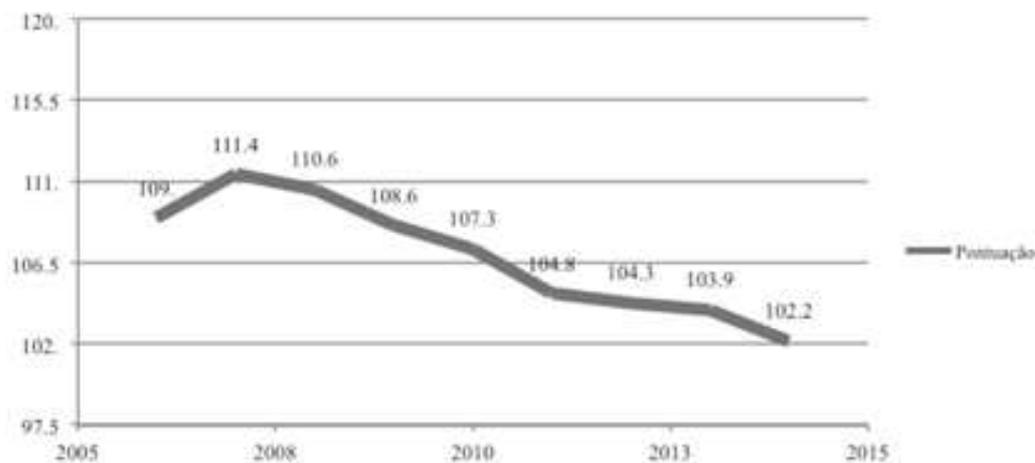
34.	Lebanon	90.9
-----	---------	------

39.	Mauritania	89.1
-----	------------	------

Fonte: The Fund for Peace, Disponível em: <<http://ffp.statesindex.org/2010>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Em 2011, o País é exposto pelo *Failed States Index* (2011), na nona posição dos “*The Trouble Ten*”. Após uma década de relatórios, pode-se visualizar através do gráfico abaixo como o Iraque se comportou ano a ano. Os movimentos ascendentes representam as tendências de agravamento, enquanto os movimentos descendentes representam melhoria nas tendências (THE FUND FOR PEACE, 2014).

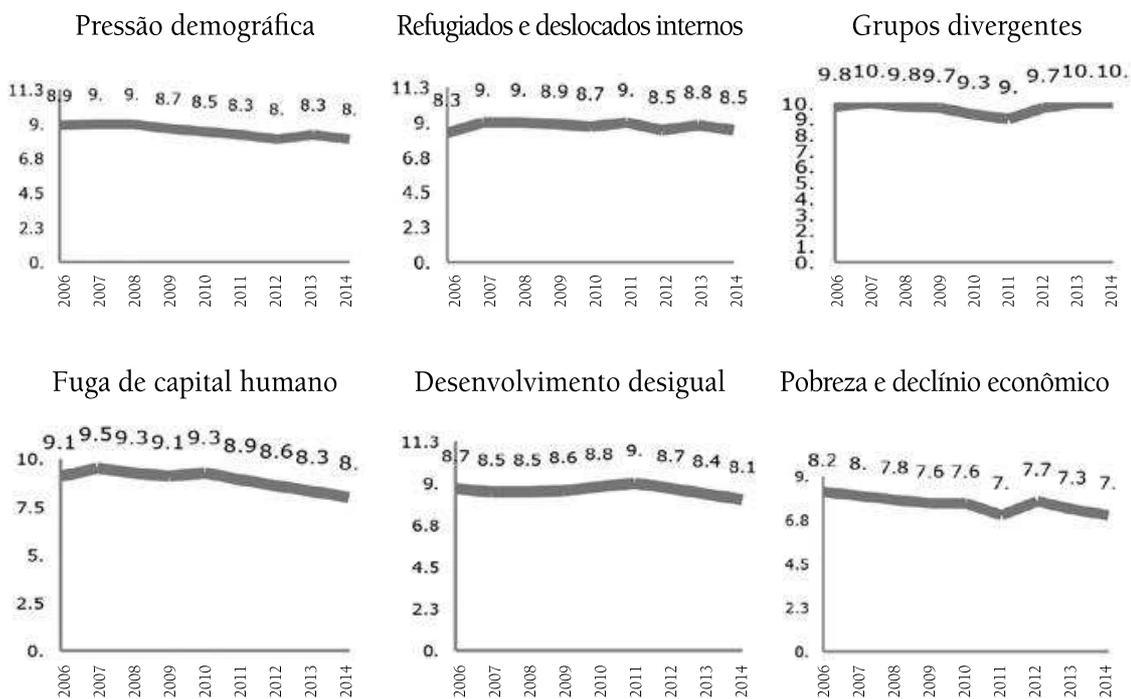
Gráfico 1 - Tendência Iraquiana no período de 2006 à 2014



Fonte: The Fund for Peace, Disponível em: <<http://ffp.statesindex.org/2014-iraq>>. Acesso em: 18 jun. 2014.
Elaborado pelo autor.

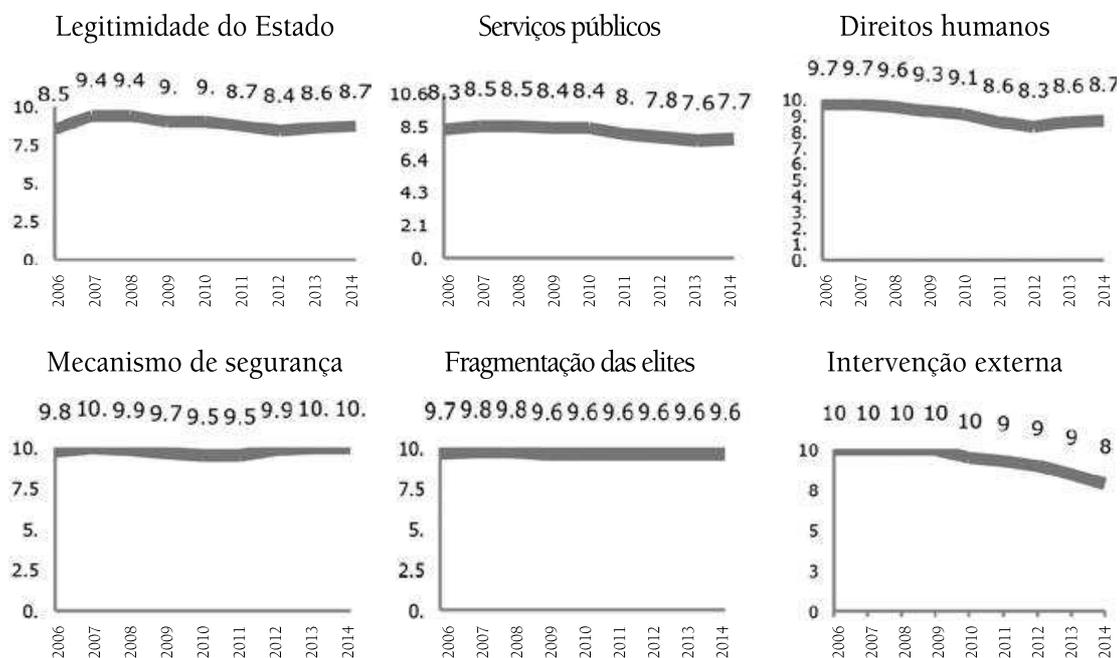
O mesmo ocorre para os indicadores sociais e econômicos exposto no gráfico 2 e os políticos e militares vistos no 3.

Gráfico 2 - Tendência Iraquiana social e econômica no período de 2006 à 2014.



Fonte: The Fund for Peace, Disponível em: <<http://ffp.statesindex.org/2014-iraq>>. Acesso em: 18 jun. 2014. Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 - Tendência Iraquiana Política e Militar no período de 2006 à 2014



Fonte: The Fund for Peace, Disponível em: <<http://ffp.statesindex.org/2014-iraq>>. Acesso em: 18 jun. 2014. Elaborado pelo autor.

Pode-se observar na figura 7, a atual pontuação iraquiana, sua melhor e pior performance considerando o período de análise de dez anos do *The Fund for Peace*.

Figura 7 – Melhor e pior performance iraquiana

	Pontuação Base	Pontuação 2014	Maior Pontuação	Menor Pontuação	Intervalo de Pontuação	Mudança
Iraque	109	102.2	111.4	102.2	9.2	- 6.8

Fonte: The Fund for Peace, Disponível em: <<http://ffp.statesindex.org/fsi-decadetrends>>. Acesso em: 23 set. 2014. Elaborado pelo autor.

Contudo, apesar de o Iraque aparecer no *ranking* do *Failed States Index* de 2014 com uma melhor pontuação, deve-se levar em consideração que os dados avaliados pela Instituição são referentes ao ano anterior, 2013. Até então, o Iraque ainda não estava sofrendo fortes pressões por parte do grupo islâmico *Islamic State in Iraq and the Levant* (ISIS), que na atualidade está direcionando o país a uma nova guerra civil.

Quando os dados são coletados e analisados, uma série de acontecimentos continuam em andamento no cenário global, sendo impossível fazer um registro atualizado no momento em que é divulgado o índice. O que parece claro é que a tendência de melhorias no País sofrerá alterações devido aos seus conflitos internos e externos (THE FUND FOR PEACE, 2014).

5 ANÁLISE E CONSEQUÊNCIAS DA INVASÃO AMERICANA NO IRAQUE EM 2003

O governo americano já tinha conhecimento das ligações existentes entre a al-Qaeda e o regime do Talibã e este foi o primeiro alvo: atacar o Afeganistão, que era a base das operações do grupo. Logo, a urgência em atacar o Iraque torna-se notória. Segundo Bodansky (2005), a principal razão seria a cooperação do serviço de inteligência do ditador Hussein com o grupo terrorista de Osama bin Laden, que tivera início na década de noventa, quando as forças jihadistas na Somália receberam auxílio militar iraquiano pelo Sudão. Bodansky (2005, p. 1) ainda acrescenta que “esta aliança foi consolidada em 1998-1999, quando Saddam e bin Laden perceberam que eles precisavam de ajuda mútua para confrontar os Estados Unidos.”

Ademais, Bush, em conjunto com seus secretários, argumentavam que se o Iraque se tornasse democrático, conseqüentemente a democracia se espalharia pelo Oriente Médio, em uma promessa de paz regional (SANTOS; TEIXEIRA, 2013). Ainda segundo Santos e Teixeira (2013), apesar de que essa visão de paz regional foi pouco mencionada (cerca de 5% durante os discursos de 2001 e 2002), ainda assim essa era uma premissa que auxiliava a coleção de bons valores para justificar a intervenção.

Na famosa obra “O Choque de Civilizações” de Huntington (2010), o cientista político contrasta os terroristas do passado com os do futuro, explanando que no passado, a violência cometida pelos terroristas era limitada e alcançava apenas algumas vítimas tanto físicas quanto materiais. Se fosse necessário produzir violência maciça, eram necessárias grandes esforços militares. A destruição maciça da qual Huntington falava, se concretizou com a dimensão dos atentados de 2001 em Nova Iorque. Contudo, ainda faltava impedir que as forças não ocidentais se fortalecessem e criassem caos no cenário internacional. Sendo assim, a invasão norte-americana no Iraque no dia 19 de março de 2003, teve o objetivo de desarmar o país de armas de destruição em massa, libertar o povo do regime imposto pelo ditador Saddam Hussein e derrubar o suporte que o regime estava dando ao grupo al-Qaeda. Para isto, a operação *Iraqi Freedom* (Iraque Livre) foi posta em ação (FITRI, 2012).

Estes foram os motivos expostos na imprensa pelo vice-presidente norte americano, Dick Cheney em 2002. Todavia, muitas são as teorias que sugerem outros vieses para a invasão. Ainda, enquanto as armas de destruição em massa, os Estados Unidos argumentaram que o Iraque não havia provado adequadamente a quantidade de armas e nem convencido os inspetores das Nações Unidas, mesmo após o prazo final determinado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas para o desarmamento, através da Resolução 1441 de 8 de novembro de 2002 (UNITED NATIONS, 2002).

Deve-se considerar que havia um grande pano de fundo para toda esta situação: a necessidade de garantir acesso às matérias primas essenciais, no caso o petróleo, e assegurar a influência política na região, visando preservar a estabilidade regional e erradicar a ameaça terrorista (VISACRO, 2009). O autor ainda acrescenta que, após a ocupação e derrubada do regime, o próximo passo para fortalecer sua influência seria ter o Iraque como aliado, o que isolaria geograficamente o Irã e a Síria, dois oponentes

tes norte-americanos, o que demonstra que a invasão iraquiana foi um ato pensado mais politicamente que propriamente econômico (FITRI, 2012; STRAKES, 2006).

Fitri (2012) confirma a teoria de Visacro (2009) quando diz que os EUA perceberam que seus problemas relacionados ao petróleo poderiam ser solucionados caso conseguissem controlar a segunda maior reserva de petróleo do mundo. Ainda, se adquirissem o controle militar do petróleo, ocorreria um efeito dominó na região, proporcionando mais segurança para seu maior parceiro no Oriente médio, Israel, e ainda colocaria pressão sobre a Síria.

Para tal atrito, a teoria de Huntington (1998, p. 273) afirma que o Islã, sendo uma civilização diferente, é o verdadeiro problema subjacente para o Ocidente, pois “tais pessoas estão convencidas da superioridade de sua cultura e obcecadas com a inferioridade de seu poderio.” Ainda argumenta que “para o Islã, o problema maior não é a CIA ou o Departamento de Defesa dos Estados Unidos e sim o Ocidente, que é uma civilização diferente e lhes impõe a obrigação de estender sua cultura por todo o mundo.” Para os jihadistas, a única religião válida é o Islã, e como afirmou Bin Laden, a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas seria anti-islâmica por afirmar o contrário, validando todas as religiões (TRIANDIS, 2013).

O choque cultural é evidente entre o povo iraquiano e o Ocidente e apesar de 60 por cento da população ter ficado feliz com a captura do ditador Saddam Hussein, segundo Bodansky (2005) a invasão e o controle americano sobre o País era desaprovada pelo povo, pois grande parte dos iraquianos acreditam que os Estados Unidos desbancaram Saddam porque ele era contra o governo Bush. No fim, os esforços americanos a fim de impor sua própria solução de reconstrução na nação do Iraque, é vista como “mais um método de reprimir o povo do Iraque, a fim de controlar os seus recursos de petróleo e suas terras” (BODANSKY, 2005, p. 476).

O intento de reconciliação da administração Bush com o Iraque para no futuro tê-lo como aliado no Oriente Médio, é rejeitado pela população iraquiana, que desconfia das reais intenções norte-americanas sobre o País. Como abordado, muito se especula que a invasão ocorrida no Iraque fazia parte de um plano para eliminar o governo ditatorial de Saddam Hussein e incorporar a democracia neste Estado, além de demarcar um ponto estratégico para garantir grande poder de intervenção no Oriente Médio (STRAKES, 2006).

Todavia, Zakaria (2007), em uma entrevista com Veelen (2007), considera que há dois equívocos no pensamento das pessoas a respeito da possibilidade de exportar democracia para o Iraque ou Afeganistão. O primeiro é o pensamento que não há como exportar democracia, devido as diferenças culturais. Ele desfaz este argumento explicando que é notório o desenvolvimento da democracia desde pequenos estados do norte da Europa, a América do Norte à Coreia do Sul, Japão e Índia. O segundo erro é ponderar sobre poder exportar a democracia para “qualquer lugar a qualquer hora”. Zakaria expõe seu pensamento considerando que para a democracia ter a capacidade de ser propagada ao redor do mundo, é preciso que isso ocorra de forma orgânica e partir das sociedades, e que o país precisa estar disposto a se modernizar.

A administração Bush ao querer introduzir a democracia à força através de eleições, se depara com a resistência por parte do povo no Oriente Médio, pois quando a administração Bush introduziu eleições competitivas nos moldes ocidentais, foi como “criar efeitos em cascata em vários estados do Oriente Médio, tanto aumentando a agitação interna em favor da reforma institucional como por instigar possíveis campanhas de terror” Strakes (2006, p. 31). Não havia dúvidas de que a segurança na região seria um oponente forte da Doutrina Bush, ainda mais depois do pronunciamento dos Islâmicos à captura de Saddam Hussein.

Bodanski (2004, p. 478) descreve o comunicado da liderança da al-Qaeda reagindo à prisão Saddam: “Saddam é passado e al-Qaeda está se movendo para cima”, deixando evidente que a guerra contra o terrorismo continuava em andamento e os conflitos de segurança na região seriam um desafio ainda maior no cenário internacional.

Com o Estado iraquiano enfraquecido, somado a vulnerabilidade gerada pela retirada das tropas americanas a partir de 2007, proporcionaram um ambiente fértil para a atuação de atores não-estatais (CAMARGO, 2014; ROTBERG, 2003a). O vácuo criado pelo governo xiita de Nuri al-Maliki, que logo após a saída das tropas americanas demonstrou uma política étnica sectária em relação as outras etnias do país, trouxe à tona uma organização que já se encontrava em marcha nos bastidores do poder desde 2004 e que utilizou-se do descontentamento, entre outros fatores, para se levantar com força, o grupo por trás do Estado Islâmico (MUDHOON, 2014; BODANSKI, 2004; LEHMANN 2014; CAMARGO 2014). Segundo

Visacro (2009, p. 36), “[...] ao derrubar governos antixiitas radicais no Iraque e no Afeganistão, Washington inadvertidamente permitia que o antigo Império Persa, isto é, o Irã, estabelecesse sua histórica área de influência.”

Desta forma, no contexto da “Guerra Global Contra o Terror”, a reconstrução do Iraque mostrar-se-ia ainda, uma tarefa de grandes proporções. Principalmente devido ao surgimento do Estado Islâmico dentro do Estado Iraquiano, criado pelos radicais que não se conformavam com a política expansionista americana, mais conhecida como “doutrina Bush”, na região (RUIC, 2014; ROTBERG, 2003a; LIMA, 2014). Segundo Saint-Pierre (2015), os Estados Unidos tornaram o Iraque, um Estado que poderia ser um grande aliado na luta contra o terrorismo, em um país devastado, com uma vasta desordem política e social, depreciando uma cultura milenar e deixando o ódio em sua população.

6 A FRAGILIDADE IRAQUIANA FRENTE AO ESTADO ISLÂMICO E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA INTERNACIONAL

Faz-se necessário o entendimento que a situação do Iraque como Estado Falido, demonstra a fragilidade desta nação diante de novas forças não-estatais que surgem dos conflitos não resolvidos na região. A realidade vivida no Oriente Médio, em especial no Iraque, é de um contexto histórico onde, sunitas, curdos e xiitas, entre outros, replicam os conflitos que as gerações passadas vivenciaram a fim de impor suas ideologias e tentar dominar a região.

Logo, estes conflitos entre etnias aprofundam a fragilidade do Estado enquanto instituição de governo. Tanto que o grupo islâmico tem crescido devido ao povo não aceitar a repreensão do regime de Assad na Síria, “[...] mas a aturam porque ela trouxe estabilidade a região” e também, no caso do Iraque, “por não quererem se submeter a um governo central composto majoritariamente por xiitas, o qual é temido por muitos” (LIMA, 2014). Com a autodenominação do Estado Islâmico, em 30 de junho de 2014, como autoridade sobre os 1,5 bilhões de muçulmanos ao redor do mundo (ISIS..., 2014), muitos tomaram esta proclamação como uma instituição que defende os interesses e ideologias deste povo, inclusive em alguns lugares sendo considerados como protetores dos sunitas.

A fragilidade do Estado Iraquiano em manter a sua segurança interna é o problema principal e alimenta a dificuldade do Estado Iraquiano em

conter o avanço e o crescimento do Grupo Radical Islâmico dentro de seu território. Este fato se reflete diretamente na estabilidade da segurança internacional, uma vez que estes grupos transcendem fronteiras a fim de propagar sua ideologia e combater a cultura Ocidental (VASCONCELOS apud CAMARGO, 2014). A expansão de grupos divergentes, a desconsideração aos Direitos humanos, refugiados e deslocamentos internos são algumas provas cabais de um Estado que é falido, conforme abordado pelo *Failed States Index*. A pobreza e o declínio econômico também são pungentes como aborda Lima (2014), pois com a insatisfação da população, ela tende a apoiar qualquer grupo ativista que se erga, mesmo que deslegitimado, desde que estabeleça um mínimo de estabilidade.

A perda do controle iraquiano sobre o Estado Islâmico devido à fragilidade do Estado, tem causado caos e instabilidade tanto regional quanto mundialmente. Todos estes são fatores cruciais, que de forma clara, demonstram a fragilidade Iraquiana, enquanto Estado falido, face ao crescimento do Estado Islâmico e exemplificam as ameaças que esta causa à segurança e a estabilidade do sistema internacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, tendo por base todos os dados supracitados e utilizados, o presente artigo que objetivou compreender o fenômeno dos Estados Falidos, colocando uma maior observação em especial no Iraque, apresentou duas questões importantes e reais. A primeira é a evidencia que, os Estados, e estes entendidos como personalidade originária do direito internacional público que para serem considerado como, devem possuir: território, população e governo não subordinado (REZEK, 2008), que deixam de exercer suas funções básicas, como provisão de bens públicos como defesa, lei e saúde pública, bem como, a função intermediária, caracterizada pela educação, regulamentação financeira entre outros, e por fim, a função ativista onde é esperado que o Estado crie política industrial e cuide de assuntos pertinentes a redistribuição de riqueza, são considerados Estados “fracassados”, e assim sendo, os mesmo representam uma preocupação tanto interna - devido às guerras civis, grupos terroristas, grupos rebeldes - quanto uma preocupação no âmbito internacional.

Os Estados Falidos dentro do cenário internacional são reais, e preocupantes, como apresenta o relatório do *Failed States Index*, países esses

originários pós 1914, onde inúmeras colônias romperam com a dominante metrópole, porém as mesmas entraram sem força em um sistema global, ou até mesmo com problemas relacionados a etnia, religião no interior do sistema cultura, como é a questão do ISIS, Estado Islâmico, que vem ao encontro da justificativa dos Estados Falidos.

Em um segundo momento, temos a situação do Iraque, que em uma análise geral, mas com atenção especial, e como resultado da proposta apresentada, o mesmo pode servir como exemplo de um caso de Estado Falido, devido alguns pontos. Como primeiro argumento, temos a situação econômica, política, social e democrática do País, sendo inviável o provimento dos serviços básicos para a população. Após décadas de conflitos internacionais e nacionais, o clima continua tenso. Mesmo com a retirada do governo de Saddam Hussein e das tropas norte-americanas, a nação não consegue se colocar em igualdade com os Estados fortes.

Outro argumento é que o Iraque atualmente é dividido em três partidos: Xiitas, os Sunitas e os Curdos, e desta forma ainda existe um conflito interno que é violento e duradouro dentro do território iraquiano. Terceiro argumento condiz com o relatório do *The Fund For Peace*, que apresenta a situação do Iraque de 2006 até 2014, podendo ser percebido uma pequena melhora, porém aquém da necessidade. Deve-se ainda levar em consideração a presença do ISIS, que direciona o país a uma nova guerra civil, devido ao seu rápido crescimento.

Não obstante, foi necessário o comentário acerca do motivo da invasão dos EUA no país. Duas vertentes surgem a respeito das ações: a primeira, motivada pela criação de uma aliança entre o ditador Saddam Hussein e o líder islâmico Osama Bin Laden para enfrentarem os Estados Unidos e suas ações “imperialistas”. Como reflexo desta aliança, o mundo assistiu atônito o colapso deflagrado em 11 de Setembro. A segunda vertente remete aos interesses econômicos sobre o mercado petrolífero iraquiano, além de criar um ambiente de segurança para Israel, seu principal parceiro no Oriente Médio. Contudo, independente da motivação, ao retirar as tropas do Iraque, proporcionou a insurreição de atores não-estatais, impossibilitando ainda mais uma possível estabilização política.

Com estas considerações, é possível demonstrar que o Iraque, devido a sua fragilidade governamental, tornou-se um centro de disseminação de terroristas, que causa inquietação no âmbito nacional e internacional. Fica evidente através das ações do ISIS, que este ator não-estatal ocasionou, em

um primeiro momento, desestabilização dentro das fronteiras nacionais iraquianas, transbordando, em seguida, para a segurança do sistema internacional. Ainda, é certo que pela região do Oriente Médio não possui um governo estabilizador, possibilita atores não-estatais, atuando nesta zona sensível aos interesses do ocidente, tornarem-se mais proeminentes e notórios no Sistema Internacional do que outros grupos terroristas localizados em zonas menos importantes para tais interesses.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer ao professor José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra, pela dedicação e motivação ao orientar e nortear seus alunos na busca pelo conhecimento do Estado da Arte.

Este artigo foi produzido pelo Grupo de Pesquisa em Eficiência Energética e Sustentabilidade (GREENS), da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). A pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto LINKS 2015 – Ligações entre o consumo de energia, alimentos e água no Brasil, no contexto das estratégias de mitigação das mudanças climáticas, com o fomento do Fundo de Newton e da FAPESC – Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

AL-DAHASH, Hajer; KULATUNGA, Udayangani; AMARATUNGA, Dilanthi. *Evaluation of the System of Disaster Management Resulting from War Operations and Terrorism in Iraq*. **Procedia Economics And Finance**, v. 18, n. 0, p. 900-907, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212567114010168>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

BODANSKY, Yossef. *The Secret History of the Iraq War*. New York: HarperCollins Publishers, 2005.

BROOKS, E. Rosa. *Failed States, or the State as failure?*. In: GEORGETOWN UNIVERSITY LAW CENTER, 2005, [S.L.]. *Georgetown Law Library 2005*. **Anais eletrônicos...** Disponível em <<http://scholarship.law.georgetown.edu/facpub/1108>>. Acesso em: 23 set. 2014.

BUZAN, Barry. *People, States, and Fear: An Agenda for International Security Studies in the Post-Cold War Era*. London: Harvester Wheatsheaf, 1991.

_____; LITTLE, Richard. *International Systems in World History: Remaking the Study of International Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CAMARGO, Gabriel. **Estado Islâmico desafia Ocidente em meio a crise no Oriente Médio**, 26 set. 2014. Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Jornal/Mundo/Estado-Islamico-desafia-Ocidente-em-meio-a-crise-no-Oriente-Medio-25116.html#VDNCbUsk_1o>. Acesso em: 6 out. 2014.

DI JOHN, Jonathan. *Conceptualizing the causes and consequences of Failed States: A critical review of the literature*. **Crisis State Research Centre: development studies institute**. London, n. 2, p. 1-53, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.lse.ac.uk/internationalDevelopment/research/crisisStates/download/wp/wpSeries2/wp252.pdf>> Acesso em: 23 set, 2014.

ITRI, Nofia. *Understanding the 2003 United States – Iraq Invasion: A Study of Level Analysis*. 9 may 2012. Disponível em: <<http://yellowpolitics.wordpress.com/2012/05/09/understanding-the-2003-united-states-iraq-invasion-a-study-of-level-analysis/>>. Acesso em: 1 out. 2014.

FUKUYAMA, Francis. **Construção de Estados: governo e organização mundial no século XXI**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **State Building: Governance and World Order in the 21st century**. New York: Cornell University Press, 2004.

GOMES, Aureo de Toledo; REIS, Rossana Rocha; ESPÍNDOLA, Tainah. Terrorismo e Estados Falidos: uma análise de discurso crítica. **Opinião Pública**, Campinas, v. 20, n. 2, p.291-310, ago. 2014. Disponível em: <www.cesop.unicamp.br/site/htm/arquivo_artigo_revista.php?art=500>. Acesso em: 25 abr. 2015.

HOWARD, Tiffany O. **The Tragedy of Failure: Evaluating State Failure and its Impact on the spread of Refugees, Terrorism, and War**. Santa Barbara: ABC-CLIO, LLC, 2010.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações a e recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

_____. **O Choque de Civilizações a e recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

ISIS fast facts. **CNN**, 9 out. 2014. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2014/08/08/world/isis-fast-facts/>>. Acesso em: 6 out. 2014.

KISSINGER, Henry A. **Diplomacia**. 2. ed. Rev. Rio de Janeiro: Universidade, 1999.

KUPCHAN, A. Charles. The Democratic Malaise: Globalization and the Threat to the West. **Foreign Affairs**, Jan/Fev, 2012. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/print/134048>>. Acesso em: 22 de fev., 2014.

LAWRENCE, Kendall. *The World's ten Most Fragile States*. In: **THE FUND FOR PEACE. The Failed States Index 2014**. Washington: The Fund For Peace, 2014. p. 17-22. Disponível em: <<http://library.fundforpeace.org/cfsir1423>>. Acesso em: 29 set. 2014.

LIMA, José A. O Estado Islâmico veio para ficar. **Carta Capital**, 30 set. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/o-estado-islamico-veio-para-ficar-7652.html>>. Acesso em: 6 out. 2014.

LOGAN, Justin; PREBLE, Christopher. *Failed States and Flawed Logic: The Case against a Standing Nation-Building Office*. **Policy Analysis**, p. 1-5. jan. 2006. Disponível em: <<http://>>

www.cato.org/publications/policy-analysis/failed-states-flawed-logic-case-against-standing-nationbuilding-office>. Acesso em: 25 abr. 2015.

MAZARR, Michael J.. *The Rise and Fall of the Failed-State Paradigm: Requiem for a Decade of Distraction*. **Foreign Affairs**, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.foreignaffairs.com/articles/140347/michael-j-mazarr/the-rise-and-fall-of-the-failed-state-paradigm>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MCCONNELL, Fiona; MOREAU, Terri; DITTMER, Jason. *Mimicking state diplomacy: The legitimizing strategies of unofficial diplomacies*. **Geoforum**, v. 43, n. 4, p.804-814, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718512000322>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MUDHOON, Loay. Crise no Iraque evidencia fragilidade dos Estados do Oriente Médio. **DW**, 23, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.dw.de/opini%C3%A3o-crise-no-iraque-evidencia-fragilidade-dos-estados-do-orientem%C3%A9dio/a-17730505>>. Acesso em: 6 out. 2014.

OTTAWAY, M. Marina. *States at Risk and Failing states*. In: CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNAIONAL PEACE, 2014, [S.L.]. *Policy Outlook, democracy and Rule of Law Project*. 2014. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <www.carnegiedowment.org>. Acesso em: 16 jun. 2014.

PARKER, Ned. *The Iraq Left Behind: Welcome to the World's Next Failed Sate*. **Foreign Affairs: Iraq Retrospective**, New York, mar/apr. 2012. Disponível em <<http://www.foreignaffairs.com/print/134546>>. Acesso em: 29 set. 2014.

REZEK, José Francisco. **Direito Internacional Público**: curso elementar. 11.ed.rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2008. p.161.

ROGERS, Paul. *Terrorism*. In: WILLIAMS, Paul D. **Security Studies: An Introduction**. Routledge: Oxon, 2008.

ROJAS, Diana Marcela. *La falla estatal y la globalización*. **Análisis Político**, Bogotá, v. 26, n. 61, p.73-85, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47052007000300005>. Acesso em: 26 abr. 2015.

ROTBURG, Robert I. **Failed States in a World of Terror**. *Foreign Affair*. NEW YORK, jul/ago, 2002 p. 127.

_____. **State Failure and State Weakness in a Time of Terror**. Washington: Brookings Institution Press, 2003a.

_____. **When State Fail: Cause and consequences**. Princeton: Princeton University Press, 2003b.

_____. **When State Fail: Cause and consequences**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

RUIC, Gabriela. 10 fatos para entender o violento Estado Islâmico. **Exame**, 22 set. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/10-fatos-para-entender-o-violento-estado-islamico>>. Acesso em: 6 out. 2014.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, n. 53, p.9-26, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v23n53/0104-4478-rsocp-23-53-0009.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

SANÍN, Francisco Gutiérrez. *¿Estados fallidos o conceptos fallidos? La clasificación de las fallas estatales y sus problemas*. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 37, p.87-104, dez. 2010. Disponível em: <<http://res.uniandes.edu.co/view.php/664/index.php?id=664>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

SANTOS, Maria Helena de Castro; TEIXEIRA, Ulysses Tavares. *The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan*. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 56, n. 2, p.131-156, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v56n2/v56n2a08.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

SAMUELSON, Paul A. **Fundamentos da Análise Econômica**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

STRAKES, E., Jason. *Navigating the Post-Iraq War Landscape in the Persian Gulf*. **Yale Journal of International Affairs**, New Haven, Fall/Winter, p. 27-36, 2006. Disponível em: <<http://yalejournal.org/wp-content/uploads/2011/01/062103strakes.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2014.

THE FUND FOR PEACE. **The Failed States Index 2014**. Washington: The Fund For Peace, 2014. Disponível em: <<http://library.fundforpeace.org/cfsir1423>>. Acesso em: 23 set. 2014.

_____. **The Failed States Index 2013**. Washington: The Fund For Peace, 2013. Disponível em: <<http://library.fundforpeace.org/cfsir1306>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

_____. **The Failed States Index 2011**. Washington: The Fund For Peace, 2011. Disponível em: <<http://www.fundforpeace.org/global/library/cr-11-14-fs-failedstatesindex2011-1106p.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2014.

_____. **The Failed States Index 2010**. Washington: The Fund For Peace, 2010. Disponível em: <<http://www.fundforpeace.org/global/library/cr-10-99-fs-failedstatesindex2010-1103g.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2014.

_____. **The Failed States Index 2005**. Washington: The Fund For Peace, 2005. Disponível em: <http://www.foreignpolicy.com/articles/2005/07/01/the_failed_states_index_2005>. Acesso em: 16 jun. 2014.

TRIANDIS, Harry C. *Toward Understanding Violence in Islam*. **Acta de Investigación Psicológica**, v.3, n.1, p.969-985, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2007471913709463>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

UMAÑA, Felipe. *The Trouble Ten (plus one)*. In: THE FUND FOR PEACE. **The Failed States Index 2012**. Washington: The Fund For Peace. 2012, p. 18. Disponível em: <<http://library.fundforpeace.org/fsi12?q=cfsir1210>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

UNITED NATIONS. **A more secure world: our shared responsibility**. New York: UN, 2004. Disponível em: <https://www.un.org/en/peacebuilding/pdf/historical/hlp_more_secure_world.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2014.

_____. **Resolution n° 1441, 8 November 2002.** *Recognizing the threat Iraq's non-compliance with Council resolutions and proliferation of weapons of mass destruction and long-range missiles poses to international peace and security.* Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N02/682/26/PDF/N0268226.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 2 out. 2014.

VEELEN, V. Ijsbrand. *Interview met Fareed Zakaria.* **VPRO Tegenlicht**, 30 set. 2007. Disponível em: <<http://tegenlicht.vpro.nl/nieuws/2007/september/interview-met-fareed-zakaria.html>>. Acesso em: 2 out. 2014.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular:** Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009.

WENDT, Alexander. **Teoria Social da Política Internacional.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014

WOODWARD, Susan. *Fragile States: Exploring the Concept.* In: *PEACE AND SOCIAL JUSTICE*, Rio de Janeiro, 2004. **Anais...** p. 1-9. Disponível em: <http://statesandsecurity.org/_pdfs/Fragile%20States_Exploring%20the%20Concept.pdf>. Acesso em: 29 abr., 2014.

ZARTMAN, I. William. **Collapsed States: The Disintegration and Restoration of Legitimate Authority.** Colorado: Lynne Rienner, 1995.

